

Editorial v. 9, n. 17, 2024. Dossiê n. 17: Patrimônio e Morte

Os cemitérios são um lugar de morte e ao mesmo tempo um testemunho de vida. Um túmulo, uma laje, alguns bancos, uma inscrição são apenas vestígios de uma experiência vivida, de uma forma de saborear e vivenciar a beleza ou a dor, de um contexto social e político, de uma história... Neste número da **Revista M.** o dossiê gira justamente em torno de como os cemitérios expressam a identidade social, artística, cultural e, portanto, constituem um patrimônio que precisa ser estudado, divulgado e preservado. **Fabiana Comerlato**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e **Fernanda Kieling Pedrazzi**, ligada ao Mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, coordenam o dossiê que claramente faz parte dos estudos cemiteriais.

O **Dossiê** abre com a colaboração do professor **José d'Encarnação**, catedrático da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da mesma universidade, intitulada *Um olhar epigráfico sobre três lápides sepulcrais em cemitérios portugueses*. Por meio de sua abordagem, é possível identificar

* Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Nacional Autónoma do México. Professor Pesquisador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidade Autónoma do Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do México. Presidente em exercício do Conselho Editorial da Universidade (UAEH). CV: [Manuel Alberto Morales Damián \(uaeh.edu.mx\)](mailto:Manuel Alberto Morales Damián (uaeh.edu.mx))



como a epigrafia tumular nos permite identificar elementos de uma análise da pertença social, política e religiosa dos mortos ali inumados.

Cidália Santos Neta e Marilda Aparecida de Menezes, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC, juntamente com **Fabiana Comerlato**, são coautoras de *Embrechado no Cemitério Nosso Senhor dos Aflitos, Nazaré, Bahia: por que preservar*, que destaca a importância do cuidado com as obras feitas com a técnica utilizada na Europa desde o século XVI e introduzida no Brasil no século XIX, que consiste em encrustar diversos materiais como vidro, espelhos, cerâmica, pedra, conchas, na alvenaria. A materialidade dos bancos e das paredes com incrustações que se distinguem pela sua riqueza de cor e textura, bem como a própria história de que são testemunhos, exigem que sejam estudados, inventariados, restaurados e protegidos. As autoras destacam a necessidade de vincular a conservação das obras à educação patrimonial e à comunidade. No cemitério Nosso Senhor dos Aflitos, na Bahia, os embrechados deterioram-se tanto por causas ambientais como por desconhecimento dos responsáveis e utilização de técnicas de conservação inadequadas. Para deter a sua destruição gradual, segundo as autoras, é essencial restaurar o reconhecimento social da sua identidade e valor cultural.

Bruno Gazalle Cavichioli, ligado ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas, mostra-nos a importância dos mortos na memória política e social por meio do seu estudo, *Monumentos funerários como lugares de disputa nas políticas de memória em Espanha (2007-2023)*. Revendo o papel do Vale de Cuelgamuros, anteriormente conhecido como Vale dos Caídos, no discurso político sobre a Guerra Civil Espanhola, destaca a importância da exumação dos restos mortais de Francisco Franco, em 2019, e de Primo de Rivera, em 2023. O monumento funerário é um lugar de memória, na medida em que o Vale de Cuelgamuros foi construído com o trabalho dos republicanos derrotados e ali foram colocados os restos mortais de Franco e Primo de Rivera, tornou-se sem dúvida o símbolo por excelência da derrota da República e monumento da megalomania de um ditador que nele acabou sepultado. A política de memória apoiada pelo governo liderado pelo Partido Socialista Operário Espanhol pretende agora evitar que seja o ponto de encontro dos conservadores, ao mesmo tempo que transformá-lo num testemunho do sofrimento daqueles que sofreram a ditadura.

Mariana Antão e Maria Elizia Borges, vinculadas ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, analisam, em *Dois cisnes e uma cruz: Memória e arte nas lápides da Capela do Cemitério do Santíssimo Sacramento de Oeiras-PI (1860-1940)*, tanto a iconografia como os textos das vinte duas lápides que se encontram na capela, com o objetivo de recuperar parte do contexto social, bem como das crenças e sensibilidades das pessoas que pretendiam recordar com elas os seus mortos. As imagens ali existentes foram feitas para comunicar: cisnes, para sublinhar o amor que o viúvo tinha pela sua falecida esposa; armas, para recordar a ordem militar de um comandante falecido; cruzes de vários desenhos, pela morte e ressurreição de Cristo; mas também deixaram um registo de como a sociedade civil se adaptou às novas leis que deixaram para trás o caráter religioso do sepultamento. Na materialidade das lápides preservam-se tanto os valores estéticos como os emocionais e



práticos de uma comunidade; nestas lápides se constrói a memória e são, portanto, um bem patrimonial.

Daiane Londero, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; **Diego Uliano Rocha**, Professor do Curso Técnico de Guia de Turismo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro; e **Roberta Coelho Barros**, Professora dos cursos de Design Gráfico e Design Digital da Universidade Federal de Pelotas Universidade Federal de Pelotas, assinam o artigo *Projeto Memória e Vida: reflexões sobre a transformação do Cemitério da Consolação em bem cultural*. Nele, estudam o impacto do projeto Memória e Vida, criado em 2015, por meio de um convênio entre a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Serviço Funerário do Município de São Paulo, com o objetivo de valorizar o patrimônio funerário e ao mesmo tempo preservar e difundir a memória. Para analisar os vários aspectos do projeto, os autores recorrem não só a testemunhos escritos, mas também audiovisuais. Destacam a importância da cultura visual, enfatizando que o modo de ver a arte funerária implica um dado contexto social e cultural. Com um olhar específico sobre cada época, é possível redescobrir a beleza do cemitério e apreciá-lo como se fosse um museu a céu aberto. Por fim, dão conta de como o projeto permitiu valorizar, apreciar e promover a arte funerária e promover a sua conservação.

Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo e **Francislaine da Costa Rosendo**, vinculadas à Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, utilizam abordagem interdisciplinar no seu artigo intitulado, *Design, cemitério e educação patrimonial: um estudo para a construção de um caderno de atividades pedagógicas*. Revisam a importância do cemitério como patrimônio, numa perspectiva sociológica e histórica, utilizam as propostas colaborativas e criativas do Design e, além disso, recorrem à Pedagogia para propor o uso de um Caderno que possa contribuir para a educação dos jovens sobre a importância patrimonial do cemitério. A experiência didática é aplicada no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Como parte das atividades da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, sua intenção é mostrar como o Design pode ser útil para desenvolver ações que promovam a educação sobre o patrimônio. O Caderno de Atividades desenhado por intermédio do Design é uma ferramenta prática que pode sensibilizar para o valor patrimonial do cemitério e ao mesmo tempo motivar a sua preservação.

Sérgio Ricardo Oliveira Martins e **Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins**, ligados ao Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, denunciam a irresponsabilidade institucional e social diante da deterioração do patrimônio cemiterial, em *Meandros do descaso em cemitérios de Cachoeira e Santo Amaro, Bahia*. O Recôncavo da Bahia é uma região que sofre vulnerabilidade social; o que fragiliza os vínculos e o compromisso com os mortos. A isto soma-se o fato de não existir um planejamento urbano adequado, nem uma educação para a valorização do patrimônio funerário. As desigualdades estruturais, bem como a diversidade cultural e religiosa, convergem para o abandono dos cemitérios de Cachoeira e de Santo Amaro e o registo fotográfico do artigo nos permite reconhecer a extensão da deterioração em que se encontram.



O dossiê Patrimônio e Morte nos possibilita repensar duas questões – e, certamente, há muitas mais – que nos parecem muito importantes.

Em primeiro lugar, o carácter social e histórico do património funerário. É o coletivo que pode assumir o valor artístico, cultural e identitário que os cemitérios possuem. Da mesma forma, esse valor pode se transformar com o tempo: o banco incrustado com conchas, cerâmica e pedras ou a lápide com relevos de cisnes tiveram um significado para os seus criadores e outro para os que hoje percorrem o cemitério como vizinhos ou turistas. Em qualquer caso, é o grupo social que pode reconhecer no cemitério a sua própria historicidade e identidade.

Em segundo lugar, a importância da memória no processo de patrimonialização da arquitetura e da escultura funerária. Como sabemos, a memória é seletiva, frágil, dominada por estereótipos e profundamente imaginativa; sendo também susceptível de responder a projectos políticos específicos, como é o caso do Vale de Cuelgamuros. As ciências sociais têm o dever de converter a carga sentimental da memória em vínculos cognitivos que nos permitam lhe atribuir um significado social e libertador. Por isso, a educação patrimonial é tão importante, como pode ser delineada no projeto Memória e Vida, em São Palo, ou na proposta de um Caderno Pedagógico, em Minas Gerais.

Este número inclui ainda três **Artigos Livres**, que se unem pela temática do impacto que uma epidemia pode ter nas práticas rituais e no tratamento da morte em diferentes contextos históricos. O primeiro artigo, *O “terrível mal do Oriente” nas terras capixabas: a cólera, o medo e a morte (1855-1856)*, de **Sebastião Pimentel Franco**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, e **Jória Motta Scolforo**, servidora do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, nos apresenta o impacto da epidemia de cólera no século XIX. Trata-se de um estudo histórico baseado nas informações cuidadosamente analisadas oferecidas pelo Correio da Victoria, primeiro jornal regular do Espírito Santo, contrastadas com os documentos provinciais e os dados do cronista Antunes Siqueira. O medo, as medidas propostas pela medicina científica e a postura do governo em meio à mortalidade causada pelo cólera, produziram medidas que geraram mudanças nas crenças e valores associados à morte, transformando os hábitos funerários.

É muito interessante contrastar este com o artigo seguinte, escrito por **Allan Macedo de Novaes**, vinculado ao Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo, e **Marcio Adriano Tonete Marcelino**, pesquisador do Thanos: grupo interdisciplinar de pesquisa em religião e tanatologia, ligado ao Centro Universitário Adventista de São Paulo, intitulado *“Eles dormiram no Senhor”: memorial online como espaço de cemitério adventista no contexto da pandemia de Covid-19*. No contexto das crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a morte é um estado de inconsciência e inexistência, do qual o morto se recuperará retornando à vida em Cristo, razão pela qual o centro do ritual fúnebre é direcionado aos vivos e à promessa da ressurreição. A criação de um memorial virtual permite que os familiares processem o luto no contato com outros entes queridos e mantenham a memória do falecido. Embora já existissem memoriais virtuais, é interessante observar como a crise sanitária causada pela Covid-19 contribui para o fortalecimento de novas práticas rituais em torno da morte, como ocorreu em meados do século XIX com a cólera.



O número encerra com o artigo que estuda os efeitos da recente pandemia de covid-19 nos cuidados paliativos. A equipe formada por **Agustina Iturri, Verónica Veloso, Juan Ignacio de las Heras, Zulma Steren e Vilma A. Tripodoro**, pesquisadores do Instituto de Investigaciones Médicas Alfredo Lanari, vinculado à Universidad de Buenos Aires, assina o artigo *Cuidados no final da vida e despedidas durante a pandemia: histórias sobre as experiências de familiares enlutados*. O texto é um estudo qualitativo aplicado em um hospital, mas que faz parte de um projeto de pesquisa internacional mais amplo. Os autores nos oferecem os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com enlutados em um hospital universitário de Buenos Aires. A percepção dos cuidados em fim de vida é analisada no contexto da tensão que existe entre a aplicação dos critérios que impedem a propagação do vírus, por um lado, e as práticas necessárias para manter a dignidade humana no processo de morrer.

Sem dúvida, os artigos do Dossiê 17, assim como os Artigos Livres incluídos nesta edição da Revista M. contém rico material teórico e abundante informação para quem tem interesse em refletir sobre os mortos, a morte e o morrer.

